

## **Então como nexos conclusivos nas diferentes seqüências tipológicas**

**Ana Beatriz Arena\***

**UFF**

### **Resumo**

*O presente trabalho tem como objetivo aprofundar a discussão sobre o então como nexos conclusivos, associando-o às seqüências tipológicas. Verificar-se-á se, conforme o contexto lingüístico, o juntor expressa uma consequência factual, em que representa lingüisticamente eventos da realidade externa (dictum), ou uma conclusão do falante, assumindo valor textual argumentativo (modus). Para tal, lança-se mão dos estudos funcionalistas, segundo os quais itens lexicais passam por um processo de gramaticalização, isto é, em determinados contextos lingüísticos, servem a funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais.*

**Palavras-chave: Gramaticalização; Funcionalismo; Então; Seqüências Tipológicas**

### **Abstract**

*The present study has the purpose to deepen the discussion about **então** as a conclusive connector, associating it to typological sequences. According to the linguistic context, we will verify if the connector expresses a factual consequence, representing linguistically events of the external reality (dictum) or a conclusion proffered by the speaker with argumentative value (modus). We will base our research on functionalist studies, according to which lexical items undergo a grammaticalization process, i.e. they have grammar functions in given contexts and once they undergo this process they further develop new grammatical functions.*

**Keywords: Grammaticalization; Functionalism; Então; Sequences**

---

\* Graduada em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Mestranda em Língua Portuguesa, área de Estudos da Linguagem, na Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora de Língua Portuguesa das redes pública e particular da cidade do Rio de Janeiro.

## 1. INTRODUÇÃO

Os estudos funcionalistas permitem um novo olhar sobre as categorias lingüísticas, ressaltando a influência do contexto na lexicogramática de um determinado texto. Sob este prisma, a gramática de uma língua configura-se como uma “cadeia representativa de um determinado momento de equilíbrio instável da língua” (Neves, 2002:176).

O tratamento funcionalista rejeita a rigidez na categorização dos itens lingüísticos, colocando sob exame a determinação contextual no estabelecimento das categorias. Diversos estudos, por exemplo, voltados para as conjunções no português reconhecem o comportamento polissêmico destes elementos juntivos.

O presente trabalho tem por objetivo aprofundar a discussão sobre o *então* como nexos conclusivos, associando-o às seqüências tipológicas. Para introduzir o tema, apresenta-se inicialmente uma revisão bibliográfica, onde são abordados alguns processos de gramaticalização de conjunções no português, mostrando-se diferentes comportamentos lingüísticos de alguns juntivos, com foco especial no conector em estudo. Prossegue-se, apresentando-se as seqüências tipológicas relevantes ao estudo do conector *então*. Em seguida, passa-se à análise de dados, apresentando-se algumas das ocorrências do *então*, valendo-se de 60 registros – tanto da modalidade escrita quanto da falada – que compõem o *Corpus D&G* do Rio de Janeiro, organizado pelo Grupo de Estudos Discurso & Gramática, fundado no Departamento de Lingüística e Filologia da Faculdade de Letras da UFRJ, em 1991.

Este estudo se apresenta como proposta de uma descrição de base funcionalista que busca verificar em que tipo de seqüência tipológica o *então* comporta-se como um nexos conclusivo. A expectativa da presente pesquisa é de que a análise do *corpus* leve à confirmação da seguinte hipótese preliminar: a especificidade de cada seqüência tipológica determina diferentes ocorrências do *então* como nexos conclusivos – em determinadas construções do português, o *então* expressa uma relação de causa-conseqüência, isto é, conseqüência factual (*dictum*); já em outras construções, o conector expressa uma relação de inferência entre proposições (*modus*).

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

De acordo com Ilari (1996:11), é sabida a dificuldade de se distinguir de maneira estanque as noções que seriam recobertas pelas várias classes de conjunções subordinativas, noções que freqüentemente se imbricam reciprocamente. Podemos afirmar que tal dificuldade se aplica também às conjunções coordenativas, em especial àquelas que estabelecem nexos conclusivos.

A grande maioria das gramáticas pedagógicas e dos livros didáticos lista as conjunções *logo*, *portanto*, *por isso*, *pois* (posposto ao verbo) e *por conseguinte* como conclusivas; uma minoria inclui ainda, nesse grupo, o *então*. Todavia, Professor Evanildo Bechara nos lembra que:

não incluir tais palavras entre as conjunções coordenativas já era lição antiga na gramaticografia da língua portuguesa; vemo-la em Epifânio Dias [ED.1] e, entre brasileiros, em Maximino Maciel [MMa. 1], nas últimas versões de sua *Gramática*. Perceberam que tais advérbios marcam relações textuais e não desempenham o papel conector das conjunções coordenativas, apesar de alguns manterem com elas certas aproximações ou mesmo identidade semântica (Bechara, 2000:322).<sup>†,‡</sup>

Por sua vez, nos estudos funcionalistas, vemos que, sem exatamente contradizer a tradição gramatical, itens lexicais passam por um processo de gramaticalização, isto é, “passam, em determinados contextos lingüísticos, a servir a funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais” (Hopper & Traugott, 1993, *apud* Neves, 1997:115). A abordagem funcionalista procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso. Assim, segundo a hipótese funcionalista, a estrutura gramatical depende do uso que se faz da língua (Furtado da Cunha; Costa & Cezario, 2003:29).

A função gramatical de conjunção ilustra de forma bastante clara a teoria funcionalista, pois essa “nova” função se configurou a partir da regularidade do uso de elementos alusivos a pontos no espaço ou no tempo no texto. Este foi, por exemplo, o processo sofrido por *logo*, que originariamente designava lugar, *locus*, gramaticalizando-se como advérbio de tempo e como conjunção. É o que nos mostra o estudo de Mário E. Martelotta (Martelotta, 2003:64-65):

---

<sup>†</sup> [ED.1] e [MMa.1] correspondem respectivamente a: DIAS, Epifânio. *Gramática Portuguesa Elementar* 12ª. ed. Lisboa: A. F. Machado Editor, 1905; MACIEL, Maximino. *Gramática Descritiva*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1923.

<sup>‡</sup> Em seu texto, Bechara não se refere apenas às conclusivas; inclui as explicativas e aquelas que se alinham junto com as adversativas: *contudo*, *entretanto* e *todavia*.

(1) Lançados som fora do mudo e descenderõ aos jnfernos e outros se leuãtarõ e seu *logo* (*Orto do esposo*)

(2) Ele vai chegar *logo*.

(3) Penso, *logo* existo.

Em (1), *logo* apresenta-se com valor espacial (=lugar), só encontrado no português arcaico; em (2), o termo assume valor temporal, apresentando-se como advérbio, e, em (3), no papel de conjunção, temos uma relação lógico-conclusiva. Neste último caso, *logo* apresenta-se com valor textual, atingindo seu maior nível de abstração.

Portanto, com base na perspectiva funcionalista, *logo* é hoje uma conjunção conclusiva prototípica, uma vez que seu processo de gramaticalização está completo (Pezzati, 2002:221), e a co-existência do advérbio de tempo *logo* e da conjunção *logo* no português moderno configura um caso de divergência semântica (polissemia) e categorial.

Ainda segundo Martelotta (2003:65), o fenômeno da perda da origem espacial que ocorreu com *logo* pode ser constatado também em elementos como *então*, *já*, *ainda*, *agora*, entre outros. Porém, não se pode dizer que seu processo de gramaticalização esteja completo (nem que necessariamente estará algum dia), uma vez que ainda “guardam”, sintática e semanticamente falando, traços muito fortes dos advérbios de tempo em seu uso textual. É o caso das conjunções classificadas pelas gramáticas pedagógicas como conclusivas, e os exemplos a seguir, retirados do *Corpus D&G RJ*, ilustram com clareza o *continuum* previsto para essa categoria:

(4) *Roselane foi a informante mais velha (ela tem 15 anos), por isso suas narrativas são diferentes das outras meninas.* (Dados sobre informante)

(5) *As universidades públicas não tem verba e estão caindo aos pedaços, além dos professores quase não darem aulas, e as particulares, cobram um absurdo de mensalidades e, nem por isso, oferecem melhores condições aos alunos e professores.* (Relato de opinião: informante de terceiro grau, parte escrita)

No exemplo (4), *por isso* apresenta-se como elemento de coesão que estabelece nexo conclusivo, expressando uma consequência factual do evento que se apresenta na oração anterior; por outro lado, em (5), *por isso* assume valor de advérbio, classificando-se como locução adverbial.

Embora exerçam funções diferentes, parece-nos claro que, em ambos os casos, em virtude de seu caráter anafórico, traço da função adverbial, *por isso* guarda um valor semântico causal, seja como nexos conclusivos, seja como locuções adverbiais.

## 2.1 O papel do conector *então* na perspectiva funcionalista

Estudos realizados com a forma *então* (Risso, 2002:418) apontam para o seu caráter multifuncional. Segundo a autora, a forma participa não só da estrutura interpessoal do discurso, como também, e neste caso com maior ênfase, do processamento da informação e da tessitura dos tópicos que se lhe associam. Trata-se, portanto, de um articulador de partes do texto.

Dentro dessa função primordial, ainda de acordo com Risso (2002:418), o seu alinhamento se dá mais estreitamente com os vocábulos comumente inventariados no rol das conjunções (*e, mas*) ou advérbios dêiticos locativos ou temporais (*aí, depois, agora*). Esse estreitamento se deve ao fato de dividir com essas unidades a característica comum de mover-se da frase para o texto com considerável flexibilidade, como se pode observar nos exemplos a seguir, retirados do *Corpus D&G RJ*:

(6) *Foi um incidente. Uma vez eu estava numa prova, sentada normalmente resolvendo as questões, ou achava que estava tudo normal, eu sabia tudo.*

*Eu sabia tudo, mas minha colega que estava atrás de mim não. Eu sentada de lado, encostada na parede, não percebi a menina olhando desesperadamente para minha prova. Só percebi quando a professora passou recolhendo as duas provas.*

*Primeiro pensei que o tempo tinha acabado e ela estava com pressa. Depois é que entendi, a professora tirou nossas provas porque achou que estávamos colando.*

*Saí de sala muito triste. Depois de me acalmar voltei para falar com a professora. Ela resolveu me dar uma segunda chamada. Eu tirei uma boa nota e ficou provado que a culpa não era minha. Desde **então**, a professora e eu, ficamos amigas. (Narrativa de experiência pessoal: informante de segundo grau, parte escrita)*

(7) *Dois colegas meus foram de moto para o Alto da Boa Vista junto com as namoradas deles. Na hora da volta vinha um ônibus na direção deles e tinha um caminhão parado, **então** eles desviaram do ônibus e caíram de baixo do caminhão. Eles morreram na hora. Isso foi na Barra da Tijuca. (Narrativa recontada: informante de segundo grau, parte escrita)*

(8) *O Brasil é um país muito rico mas não sabe disso! Grande parte de sua produção é jogada fora devido o grande desperdício, e **então** se o Brasil tivesse um líder que soubesse dirigir o país a crise não seria o seu problema. (Relato de opinião: informante de oitava série, parte escrita)*

Em (6), *então* remete a marcos temporais anteriormente dados em frase anterior, atuando, portanto, no nível frásico; já em (7) e em (8) ele se manifesta no nível textual, isto é, articula orações, adquirindo novos valores semântico-pragmáticos. Assim como ocorre com *por isso*, podemos perceber um *continuum* entre o advérbio e articulador lógico-semântico de conclusão entre orações. Neste segundo caso, são poucos os gramáticos que consideram o *então* como conjunção conclusiva.

A esse respeito, é importante citar o trabalho de Erotilde G. Pezatti (2001), no qual a autora se propõe a detectar com mais precisão os critérios que possibilitem esclarecer se o nexos conclusivo expresso por *então* é de fato efetuado por uma emergente conjunção. Ao longo de sua exposição, Pezatti aponta para o fato de que, embora o *então* ainda não disponha de capacidade de coordenar termos, como as conjunções prototípicas, caminha para gramaticalizar-se como conjunção, não obstante manter ainda o valor temporal e anafórico de circunstancial (Pezatti (2001:94).

Diante do exposto, verificamos que, quanto às relações sintático-semânticas das conjunções, um mesmo conector dessa natureza pode ser usado para formular enunciados em que as orações constituem:

- a) eventos da realidade externa (*dictum*), em que a distribuição das palavras na oração corresponde à seqüência cronológica das ações descritas, havendo, portanto, iconicidade entre forma e função, como no exemplo (7);
- b) eventos lingüísticos (*modus*), em que a correlação entre forma e função não pode ser percebida, sendo, portanto, eventos com baixo grau de iconicidade, como no exemplo (8).

*Dictum* e *modus* correspondem, respectivamente, àquilo que Halliday & Hasan (1976, *apud* Pezatti, 2002:191) entendem por função ideacional e função interpessoal da linguagem.

Nesse sentido, o nexos conclusivo pode expressar uma conseqüência factual, em que representa lingüísticamente eventos da realidade externa (*dictum*), ou uma conclusão do falante, assumindo valor textual argumentativo (*modus*).

Neste estudo, consideraremos como hipótese a possibilidade de 1) construções em que o nexos conclusivo *então* expressa uma relação de causa-conseqüência, isto é, conseqüência factual (*dictum*), e 2) construções em que o nexos conclusivo *então* expressa uma relação de inferência entre proposições, sendo a primeira uma das premissas e a segunda, a conclusão (*modus*), estarem relacionadas a seqüências tipológicas específicas.

Para saber em que contexto lingüístico cada uma dessas possibilidades se manifesta, é preciso direcionar o olhar para as diferentes seqüências tipológicas, que se materializam em gêneros textuais diversos.

## **2.2 As seqüências tipológicas e seus principais traços lingüísticos**

Segundo Marcuschi (2005:22), língua é uma atividade social, histórica e cognitiva, de natureza funcional e interativa, e, como tal, deve ser tratada em seus aspectos discursivos e enunciativos, e não em suas peculiaridades formais. Em virtude de existirem modos diversos de interação ou interlocução comunicativa, podem ocorrer também diferentes gêneros de texto como resultado dessa interação, bem como diferentes tipos textuais, isto é, seqüências de base narrativa, descritiva, explicativa, argumentativa e injuntiva.

Deve-se ressaltar que um texto tende a ser constituído por um só tipo textual, mas, quando isso não acontece, pode haver intercâmbio tipológico (Travaglia, 2002:445), isto é, a transição de um tipo para outro, em que as seqüências podem se cruzar, articulando-se, de maneira que um texto não é necessariamente “puro”. Ou seja, de acordo com o planejamento, essas seqüências combinam-se estrategicamente na construção do texto, cada uma desempenhando uma função: a narração pode ser o eixo condutor de uma história entremeada por descrições de personagens ou cenários; a discussão de um problema, em um editorial, pode ser apoiada por pequenas narrativas, reforçando os argumentos contra ou a favor de um determinado ponto de vista. Por isso, um tipo textual é dado por um conjunto de traços lingüísticos que formam uma seqüência e não um texto como um todo.

Passamos, a seguir, a apresentar detalhadamente as principais características lingüísticas das seqüências tipológicas<sup>§</sup>.

### **2.2.1 Seqüências narrativas**

- a) apresentam uma sucessão de fatos reais ou imaginários, tendo, portanto, como fundamento as ações e as pessoas que delas participam;
- b) estão presentes no dia-a-dia, sob a forma de cantigas de roda, de contos de fada, de poemas de cordel, de música popular etc.;

---

<sup>§</sup> Adaptado de material obtido no *site* www.pead.letras.ufrj.br

- c) têm como elementos essenciais para a coesão e a coerência os tempos verbais e os advérbios marcadores de tempo e espaço, permitindo a ordenação temporal referencial dos fatos enumerados.

#### 2.2.2 Seqüências descritivas

- a) têm como objetivo oferecer ao leitor/ouvinte a oportunidade de visualizar o cenário em que uma ação se desenvolve e os personagens que dela participam;
- b) estão presentes no nosso dia-a-dia, tanto na ficção (romances, novelas etc.) como em outros gêneros textuais (técnico-científicos, propagandas, jornais etc.);
- c) podem ter função subsidiária na construção de outros tipos de textos, funcionando como um plano de fundo, seja explicando e situando a ação (na narração), seja comentando e justificando a argumentação;
- d) detêm-se sobre objetos e seres considerados em sua simultaneidade; os tempos verbais mais freqüentes são o presente do indicativo no comentário e o pretérito imperfeito do indicativo no relato.

#### 2.2.3 Seqüências expositivas

- a) apresentam as idéias de forma simultânea, como na descrição;
- b) estão presentes no livro didático, em um artigo de revista científica, em um editorial de jornal etc.;
- c) apresentam estruturas sintáticas complexas para expressar relações lógicas de causa/conseqüência, contraposição, explicação, comparação, comparação, definição, comprovação etc.
- d) colocam-se na perspectiva do conhecer, abstraindo-se do tempo e do espaço.

#### 2.2.4 Seqüências argumentativas

- a) têm como objetivo apresentar com clareza hipóteses, justificar essas hipóteses com base em argumentos, estabelecer relações lógicas entre os argumentos e contra-argumentos, exemplificar e encaminhar conclusões;

- b) estão presentes no texto publicitário, no editorial de jornal, no arrazoado jurídico etc.
- c) nessas seqüências, nota-se a presença de um grande número de recursos lingüísticos que criam estruturas mais complexas do que as observadas nas seqüências narrativas ou descritivas, como as estruturas subordinadas; apresentam conectores de causa/efeito, contradição e conseqüência; vocabulário abstrato; uso do modo subjuntivo; pressuposições e inferências.

#### 2.2.5 Seqüências injuntivas

- a) têm o objetivo de detalhar os passos necessários para realizar uma ação, por isso dirigem-se ao leitor, utilizando verbos de procedimento, modo imperativo;
- b) os textos que têm como base a injunção dividem-se geralmente em duas partes: na primeira apresentam aquilo que vai ser utilizado; na segunda, aparecem as instruções propriamente ditas.

### **3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DE DADOS**

Os dados para análise foram retirados do *Corpus D&G* do Rio de Janeiro, organizado pelo Grupo de Estudos Discurso & Gramática, fundado no Departamento de Lingüística e Filologia da Faculdade de Letras da UFRJ, em 1991.

No *corpus* estão organizadas amostras de língua falada e escrita e esse levantamento tem os seguintes objetivos:

- a) analisar o comportamento da iconicidade, através de diferentes fenômenos lingüísticos, em situações reais de uso da língua;
- b) criar um banco de dados com correspondência de conteúdo entre fala e escrita, de modo a viabilizar a comparação mais rigorosa entre essas duas modalidades da língua;
- c) testar em diferentes subgêneros textuais (narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, descrição de local, relato de procedimento e relato de opinião) o modo de codificação da informação;
- d) comparar o comportamento dos canais da fala e da escrita em relação a esses subgêneros.

Dos quatro objetivos traçados pelo grupo, um é de especial interesse para este trabalho: testar nos diferentes subgêneros textuais o modo de codificação da informação. Esse interesse se justifica pela natureza do *então* como nexos conclusivos, que, por não ser uma categoria prototípica, tem caráter funcional, podendo formular um conteúdo (nível do *dictum*), pontuar um processamento textual (nível do *modus*), ou ainda aparecer em contextos em que ambos os níveis estão imbricados. Sendo assim, será investigada a possibilidade de as construções com *então* no nível do *dictum* e do *modus* estarem relacionadas a seqüências tipológicas específicas.

Ao todo, o *Corpus* D&G do Rio de Janeiro é composto por depoimentos de 93 alunos, abrangendo desde a classe de alfabetização ao terceiro grau<sup>\*\*</sup>. Esses informantes produziram cinco textos orais e, a partir destes, cinco textos escritos, totalizando 928 registros (um informante não forneceu relato de procedimento). Os tipos de textos são: narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, descrição de local, relato de procedimento e relato de opinião.

Para mais facilmente viabilizar esta pesquisa, foram feitos dois recortes. O primeiro se deu quanto à escolaridade dos informantes, pois, uma vez que os níveis estruturais em que o *então* articula a relação lógico-semântica de conclusão entre as orações são mais complexos, consideraram-se apenas os textos de alunos de escolaridade média a alta. Sendo assim, foram analisados os registros dos alunos de oitava série, segundo e terceiro graus. O segundo recorte considerou apenas os registros em que o *então* ocorreu como nexos conclusivos, em nível textual, desprezando-se as outras possibilidades, como advérbio dêitico de tempo, em nível frasal, ou marcador conversacional, por exemplo. Portanto, esta análise contou com 25 informantes (8 da oitava série, 11 do segundo grau e 6 do terceiro grau) e 60 registros, não se fazendo distinção entre texto oral ou escrito, uma vez que a seqüência tipológica é a mesma em cada modalidade.

Em seguida, foi feito um levantamento considerando-se, primeiro, o número de vezes em que o *então* ocorreu como nexos conclusivos e, segundo, quando, nesta condição, o juntor expressou uma relação factual ou uma relação argumentativa, não se tendo desprezado os casos em que a relação mostrou-se imbricada.

Os informantes da oitava série forneceram 17 registros, dentre os quais o *então* ocorreu 18 vezes como nexos conclusivos, numa média de duas ocorrências por informante; já

---

<sup>\*\*</sup> Apesar de a nomenclatura oficial ter mudado para ensino fundamental e ensino médio, optou-se por seguir a nomenclatura do texto original do *Corpus*, que é anterior à mudança.

os informantes de segundo grau forneceram 27 registros, nos quais o nexos conclusivo em estudo apareceu 37 vezes, aumentando a média para 2,5 ocorrências por informante; o terceiro grau manteve a mesma média de ocorrência do segundo grau, já que, em 16 registros, o conector foi empregado 41 vezes.

Essas ocorrências foram analisadas levando-se em conta a dupla possibilidade de o conector em estudo expressar uma consequência factual ou uma conclusão do falante e, nesse caso, os achados são os seguintes:

- a) entre os 17 registros da oitava série, por 13 vezes o *então* correlacionou eventos da realidade externa, numa relação factual (*dictum*); por duas vezes, assumiu valor argumentativo (*modus*) e por três vezes manifestou-se numa relação em que ambos os níveis estão imbricados;
- b) entre os 27 registros do segundo grau, o *então* materializou-se em nível de *dictum* 15 vezes; em nível de *modus*, 19 vezes, e em relações imbricando ambos os níveis, três vezes;
- c) entre os 16 registros do terceiro grau, o *então* teve 11 ocorrências em nível de *dictum*; 25 com valor argumentativo e cinco vezes expressou relações imbricadas de ambos os níveis.

A Tabela 1 expõe de forma mais objetiva os números obtidos na pesquisa, bem como apresenta o total de achados.

**Tabela 1 Número de ocorrências de construções com o nexos conclusivo *então* em níveis *dictum*, *modus* e em relações imbricadas, conforme a escolaridade**

<b>Escolaridade/Nível</b>	<b><i>Dictum</i></b>	<b><i>Modus</i></b>	<b>Níveis imbricados</b>	<b>Total</b>
8ª. Série (17 registros)	13	2	3	18
2º. Grau (27 registros)	15	19	3	37
3º. grau (16 registros)	11	25	5	41
<b>TOTAL</b>	39	46	11	

Com base nos dados numéricos, embora as variáveis “faixa etária” e “nível de escolaridade” não sejam objetos de análise específicos neste estudo, é interessante observar que, à medida que a faixa etária e o nível de escolaridade aumentam, a ocorrência de *então*

como nexos conclusivos no nível de *modus* também aumenta, e de forma considerável. Isso se deve, provavelmente, ao maior poder de argumentação que as pessoas desenvolvem conforme se tornam mais hábeis na articulação da língua, o que está diretamente relacionado com faixa etária e escolaridade mais altas.

### 3.1 O uso do *então* conclusivo nos níveis *dictum* e *modus*

Como nexos conclusivos, a ocorrência do *então* pode se dar numa relação factual, de causa-conseqüência, mais icônica (*dictum*), ou numa relação em que expressa a conclusão do falante, portanto argumentativa, menos icônica (*modus*), como se observa a seguir:

(9) *teve uma vez que eu estava na sala... estava a turma toda na maior bagunça e... ela achou que eu estava ocasionando aquela bagunça toda... então:: eu tive que/ ela me tirou do meu lugar e me colocou pra sentar na frente... do lado da mesa dela...* (informante do segundo grau)

(10) *hoje em dia ela está bem... ela está com... o primeiro namorado dela... o que foi o primeiro... casaram... estão super bem hoje em dia... estão morando... numa casa afastada... ela tem filho... filhos... hoje em dia ela pode dizer que ela... que ela fez uma escolha certa... entendeu? em te/ em ter abortado o primeiro... porque ela não ia dar uma vida legal pra criança... então eu acho que ela fez legal... foi uma coisa... interessante...* (informante do segundo grau)

No exemplo (9), *então* aparece em nível de *dictum*, unindo orações que expressam relação de causa-conseqüência, em que se evidenciam eventos da realidade externa:

causa: *ela achou que eu estava ocasionando aquela bagunça toda...*

conseqüência: *então:: eu tive que/ ela me tirou do meu lugar*

Nesse caso, a relação é mais icônica. É possível perceber com clareza a proximidade que existe entre a seqüência de ações da realidade externa e como ela se materializa lingüisticamente. Isso se deve ao fato de, no nível do *dictum*, o *então* manter ainda bem preservada pelo menos uma de suas propriedades adverbiais: ao unir dois fatos que ocorrem numa seqüência temporal (a causa vem antes da conseqüência), exerce função anafórica, típica dos advérbios.

No exemplo (10), por sua vez, *então* manifesta-se em nível de *modus*, exprimindo uma relação de inferência entre proposições, em que a primeira é uma das premissas e a segunda, a conclusão do falante:

premissa: *ela não ia dar uma vida legal pra criança...*

conclusão do falante: **então** *eu acho que ela fez legal...*

Neste caso, embora o conector ainda não tenha perdido definitivamente o seu caráter anafórico, uma vez que a conclusão remete-se a uma premissa expressa anteriormente, a relação estabelecida é menos icônica, mais abstrata, pois os momentos envolvidos são os de uma argumentação. Ademais, na conclusão está expressa a opinião do falante e não um fato da realidade externa.

É possível, ainda, que os níveis *dictum* e *modus* apareçam imbricados, tornando difícil distinguir se o nexos estabelecido reflete consequência factual ou se exprime uma relação mais abstrata. Segundo Ilari (1996:11), muitas vezes as conjunções exibem um sincretismo, muito sutil, entre o *dictum* e o *modus*, isto é, confunde-se uma relação objetiva entre fatos que “existem no mundo”, com uma relação entre momentos de uma argumentação. Diante disso, como o conector *então* geralmente anuncia não só uma consequência factual, mas também uma conclusão do falante, não é incomum que, em uma mesma seqüência tipológica, essas relações apareçam imbricadas. Analisemos o exemplo a seguir:

(11) *eu sou... desses caras assim que eu penso o seguinte... pra cada pessoa tem um espaço na sociedade... entendeu? então a pessoa tem que objetivar... aquilo que ela quer... entendeu? pô... eu tenho um ir... tenho um ir... tenho um irmão que é advogado... tenho um irmão que é militar... tenho um outro irmão que é economista... tenho uma irmã que é secretária bilíngüe... fez letras também... então estão todos bem... por isso que eu posso falar isso... entendeu?* (informante de terceiro grau)

Neste exemplo, o *então* encontra-se numa relação de difícil distinção, pois duas leituras são possíveis, e, para melhor visualizarmos, será feito o seguinte recorte no trecho em análise:

*tenho um outro irmão que é economista... tenho uma irmã que é secretária bilíngüe... fez letras também... então estão todos bem...*

Numa primeira leitura, podemos considerar o *então* relacionando eventos da realidade externa, em que “estão todos bem” expressa a consequência do que foi dito antes, isto é, o fato de cada um dos irmãos dos informantes estarem encaminhados na vida é causa, e a consequência disso é que estão, de fato, todos bem.

Por outro lado, é possível também pensarmos que o trecho do qual *então* faz parte expresse uma conclusão do informante, isto é, se cada irmão está encaminhado na vida, então

eles estão bem. Essa dedução não representa necessariamente a verdade, podendo ser uma interpretação do informante, a sua opinião, de acordo com sua visão de mundo.

Como o interesse específico desta pesquisa é o emprego do *então* no papel de nexos conclusivos em seqüências tipológicas específicas, passemos à análise de dados que possam demonstrar em que tipo textual o *então* em nível de *dictum* mais provavelmente ocorre e em qual seqüência o *então* em nível de *modus* ocorre com mais freqüência.

A estruturação do *Corpus* D&G do Rio de Janeiro propiciou material exaustivo para a exemplificação e a análise dos dados, pois, como um de seus objetivos é testar nos diferentes subgêneros textuais o modo de codificação da informação, os tipos de texto que dão corpo ao material são de extrema importância para esta pesquisa.

### **3.2 Relação entre as seqüências tipológicas presentes no *Corpus* D&G e a ocorrência de *então* como nexos conclusivos**

Traçaremos a seguir um paralelo entre as seqüências tipológicas presentes no *Corpus* D&G – narrativa (pessoal ou recontada); descritiva; injuntiva (relato de procedimento) e argumentativa (relato de opinião) – e a ocorrência de *então* como nexos conclusivos, a fim de demonstrar qual seqüência, de acordo com suas características, propicia uma construção em nível de *dictum* e qual propicia em nível de *modus*. Apenas as seqüências com traços lingüísticos fundamentais à análise serão apresentadas a seguir.

#### **3.2.1 O *então* como nexos conclusivos na seqüência narrativa**

As seqüências narrativas apresentam uma sucessão de fatos reais ou imaginários, tendo, portanto, como fundamento as ações e as pessoas que deles participam. Têm como elementos essenciais para a coesão e a coerência os tempos verbais e os advérbios marcadores de tempo e espaço, permitindo a ordenação temporal referencial dos fatos enumerados. Essas características podem ser facilmente observadas no relato a seguir:

(12) *Na 6ª série, na aula de geografia. Meu colega que estava sentado do meu lado, pegou uma taxinha e enfiou na tampa de trás da caneta. Ele pegou a caneta e deu uma espetada no praço do garoto que estava sentado na minha frente, e jogou a caneta no meu colo. Então o garoto vendo isto, a caneta com a taxinha no meu colo achou que fosse eu que tinha o espetado **então** ele chamou o*

*professor e o professor chamou a supervisora que me deu um escolacho sem eu ter feito nada.* (Narrativa de experiência pessoal: informante de oitava série, parte escrita)

Para ilustrar a teoria sobre seqüência narrativa, tomaremos apenas o trecho em que o *então* ocorre como nexos conclusivos:

*Então o garoto vendo isto, a caneta com a taxinha no meu colo achou que fosse eu que tinha o espetado **então** ele chamou o professor*

Nesse fragmento, temos uma sucessão de fatos reais ou imaginários, enumerados seguindo uma ordenação temporal:

fato 1: o garoto viu a caneta com a tachinha no colo do informante,

fato 2: achou que este o havia espetado,

fato 3: finalmente chamou o professor.

Essa análise conduz-nos diretamente ao conceito de *dictum*, ou função ideacional, em que as orações coordenadas constituem eventos da realidade externa, e o *então* conclusivo exprime relação de causa-conseqüência:

causa: *...o garoto (...) achou que fosse eu que tinha espetado*

conseqüência: *então ele chamou o professor*

A análise de dados mostrou que, no universo estudado, sempre que o *então* expressou conseqüência factual, isto é, no nível de *dictum*, ele ocorreu em uma seqüência narrativa.

### 3.2.2 O então como nexos conclusivos na seqüência descritiva

A seqüência descritiva oferece ao leitor/ouvinte a oportunidade de visualizar o cenário em que uma ação se desenvolve e os personagens que dela participam. Detém-se sobre objetos e seres considerados em sua simultaneidade, e os tempos verbais mais freqüentes são o presente do indicativo no comentário e o pretérito imperfeito do indicativo no relato. Podemos observar tais características no seguinte registro:

(13) *bom... a sala... ela tem uma cortina... é porque é assim... ela tem uma porta... na sala... só que ninguém usa aquela porta... todo mundo entra pela porta da cozinha... **então** pra cobrir a porta tem uma cortina bem grande... cobre a porta também cobre a janela... que fica perto da porta... eh... tem uma estante... nessa estante tem... nessa estante tem um monte de revistas minhas... eu por isso que eu... gosto de ficar lá... porque lá tem um monte de revista... eu adoro ler... então eu fico lá o tempo todo*

*revirando minhas revistas... relendo... eh... lendo outras revistas que eu... comprei recentemente... tem o... sofá... quer dizer... é daquele... mo... modulado... eh... aí minha mãe separou em duas partes... tem uma parte perto da janela e outra parte mais perto da... saída... da sala... tem o carpete... e... aí tem o relógio... mais pro canto assim... um canto que fica assim perto da porta do banheiro... tem um... um relógio... de pêndulo...* (Descrição de local: informante de oitava série, parte oral)

São facilmente identificáveis no exemplo (10) as características da seqüência descritiva, uma vez que os objetos que compõem o cenário – cortina, porta, janela, estante, revistas etc. – são visualizados em virtude dos detalhes dados. O emprego de verbos no presente do indicativo também caracteriza esse texto como descritivo: “a sala **tem**”; “ninguém **usa**”; “**cobre** a porta”; “**fica** perto da porta” etc.

Embora a análise dos dados tenha demonstrado que a seqüência descritiva não propicia, normalmente, o nexos conclusivo, é interessante observar que, nesse exemplo, em especial, há um trecho que nos faz pensar:

*só que ninguém usa aquela porta... todo mundo entra pela porta da cozinha... **então** pra cobrir a porta tem uma cortina bem grande...*

O trecho em destaque está assim estruturado:

- a) seqüência expositiva: *só que ninguém usa aquela porta... todo mundo entra pela porta da cozinha...*
- b) seqüência descritiva: *então (...) tem uma cortina bem grande*

O *então* empregado nesse fragmento parece-nos um nexos conclusivo, pois, apesar de a relação causa-conseqüência não ser explícita, podemos observar que a realidade apresentada na seqüência expositiva expressa causa (“ninguém usa aquela porta”), enquanto na seqüência descritiva o objeto “cortina”, ainda que não se apresente numa ordenação temporal, representa a conseqüência da situação exposta na oração anterior.

Portanto, essa análise nos mostra que o *então* pode, atipicamente, expressar uma relação factual em uma seqüência descritiva. Todavia, esta não é uma ocorrência comum, por isso não foi considerada significativa para a pesquisa como um todo.

### 3.2.3 O então como nexos conclusivo na seqüência argumentativa

A seqüência argumentativa caracteriza-se pela presença de hipóteses justificadas com base em argumentos; estabelece relações lógicas entre os argumentos, contra-argumentos, exemplifica e encaminha conclusões. Nesse tipo textual, as estruturas são mais complexas do que as observadas para as outras seqüências tipológicas.

No exemplo que segue, essas características podem ser verificadas:

(14) *eu acho que:: isso... devia ser garantido pelo governo... entendeu? entendeu? porque o gover/ no meu modo de ver... o governo é que tinha que... batalhar a educação... ir embora... entendeu? por exemplo... eu faço Gama Filho... entendeu? mas se eu tivesse que estar pagando... eu não/ fatalmente eu não estaria... porque eu sou/ eu tenho crédito educativo... entendeu? por isso que eu estou falando assim... até que a Caixa Econômica me ajuda... está pagan::do... mas agora... pô... três meses que não pagava... foi pagar agora... quer dizer... vai reduzindo... antes era integral... isso ela não está dando nada de graça não... tá? porque depois que a gente se forma... a gente paga tudo corrigido...*

*E: um ano...*

*I: é/ não... dois anos depois de:: de/ você se forma... você começa a pagar as coisas tudo corrigidas... entendeu? então quer dizer... eles não dão::... assistência nenhuma... deixam ( ) entregue às mos::cas... e assim vai... vai da educação... vai a alimentação... (Relato de opinião: informante do terceiro grau, parte oral)*

Na parte inicial deste fragmento, a exemplificação é um dos argumentos apresentados pelo informante:

*o governo é que tinha que... batalhar a educação... ir embora... entendeu? por exemplo... eu faço Gama Filho... entendeu? mas se eu tivesse que estar pagando... eu não/ fatalmente eu não estaria...*

Avaliando o relato como um todo, é possível observar que toda a argumentação do falante se encaminha para a formulação de sua opinião, com base em uma hipótese:

hipótese: *...ela [Caixa Econômica] não está dando nada de graça, não*

argumento: *porque depois que a gente se forma... a gente paga tudo corrigido... / você se forma... você começa a pagar as coisas tudo corrigidas... entendeu?*

opinião (conclusão do informante): **então quer dizer... eles não dão::... assistência nenhuma...**

Conforme já nos alertara Pezatti (2001:91), é interessante notar que a conclusão expressa pelo *então* implica uma circularidade de raciocínio argumentativo: o locutor inicia a argumentação com a sentença que indica a conclusão do raciocínio, um pouco modificada na forma:

início da argumentação: *...ela [Caixa Econômica] não está dando nada de graça, não*

conclusão do falante: **então quer dizer... eles não dão::... assistência nenhuma...**

Após essa avaliação, somos conduzidos diretamente ao conceito de *modus*, uma vez que o conector *então* expressa um evento lingüístico, em que o informante revela uma atitude relativa ao conteúdo de seu próprio enunciado, e não da realidade externa.

No decorrer da análise, observamos, também, que uma relação de inferência entre proposições, sendo a primeira uma das premissas e a segunda, a conclusão, ou seja, eventos lingüísticos em nível de *modus*, puderam ser identificadas na seqüência argumentativa:

(15) *a saudade que está de eu voltar a trabalhar como desenhista... na Light... é isso... porque:: foi um ambiente super agradável... não teve nada daquela ambiçã/ aquela coisa de... de você querer puxar o tapete do outro pra conseguir galgar... um certo cargo... não tinha isso... lá... por ser estatal... não tinha essas ambições... então... todo mundo era um ambiente super agradável... de bricadeira... a história engraçada foi essa...* (Narrativa de experiência pessoal: informante do terceiro grau, parte oral)

Retomemos apenas o fragmento necessário para esta análise:

*por ser estatal... não tinha essas ambições... então... todo mundo era um ambiente super agradável... de bricadeira...*

Desse trecho, podemos depreender o seguinte silogismo:

- 1) A premissa maior: A ausência de ambições torna o ambiente de trabalho agradável.
- 2) A premissa menor: A empresa estatal pressupõe ausência de ambições.
- 3) A conclusão: O ambiente era super agradável.

Todo esse raciocínio é desenvolvido para comprovar que a saudade que o informante sentia de seu trabalho era justificada por o ambiente ser agradável.

A análise de dados mostrou que, no universo estudado, sempre que o *então* expressou conclusão do falante, numa relação menos icônica, isto é, no nível de *modus*, ele ocorreu em uma seqüência argumentativa.

Não se pode deixar de destacar que, no exemplo (15), ocorre uma transição de seqüências: da seqüência narrativa (narrativa de experiência pessoal) passa-se à seqüência argumentativa, o que vem ao encontro do que foi dito anteriormente quanto ao fato de as seqüências tipológicas poderem se cruzar, articulando-se, de modo que não necessariamente teremos um texto “puro”.

#### 3.2.4 O então como nexos conclusivos na seqüência injuntiva

Esse tipo textual, em virtude de seu objetivo de detalhar os passos necessários para realizar uma ação, apresenta-se estruturado com verbos de procedimento, modo imperativo, podendo este ser substituído por “deve” ou “tem que/de”:

No *corpus* analisado, os exemplares dessa seqüência são os relatos de procedimento, como o que segue:

(16) I: bom... eu sei::... pintar... pra gente... pin/ fa/ eh... realizar uma pintura... né? início de tudo você tem sempre que ( ) você tem sempre que está com todo o material à mão... você está com seus pincéis... todos limpos... de preferência... as tintas... a tua aquarela... a tela... já pronta... armada... direitinho... e::... o instrumento que você vai usar pra... pra riscar... você pode usar carvão... preferencialmente a gente usa o carvão... e::... começa a riscar a tela... sempre de cima pra baixo que é pra poder... delinear todas a/ todas as sombras... que você vai precisar... evitar... ter que apagar a tela... porque vai sujar... e sempre que você começa de cima pra baixo... todo o cui/ você tiver... de sombra... ou de... cobertura... você vai sempre prever quando você está... riscando de cima pra baixo... e ao final disso tudo... algumas pessoas usam verniz... que é pra proteger... a... tinta... do... do... carvão... que sempre ele... desmancha um pouquinho... né? o grafite sai... e... outras não... dá pra você pintar... não é tão ruim... a partir do momento **então** você começa a... pintar... realmente... você vai usar aquelas misturas... que precisam... de acordo com o gosto da pessoa... e::... de acordo também com a pintura... sempre também pintando de cima pra baixo... que é pra se... cair alguma coisa na tua tela... embaixo... você não mancha... você não perde o teu desenho... e você basta passar óleo de linhaça... ou **então** até dar uma raspadinha que a tinta sai... e depois você vê qual é a outra... cor diferente que já vai entrar naquele lugar... e cobre... **então**... você não tem muito problema quando você pinta de cima pra baixo... você evita esses problemas... ao final disso tudo... você está com a pintura completa... não deixa ela secar ao sol... porque você vai estragar a pintura... e... está pronto... basta botar tua moldura... e... enfeitar a casa... (Relato de procedimento: informante do segundo grau, parte oral)

Assim como ocorre com o texto descritivo, é igualmente muito simples identificarem-se as características da seqüência injuntiva no exemplo dado:

- a) o detalhamento das etapas necessárias para se realizar uma pintura em tela: “início de tudo você tem sempre que ( ) você tem sempre que está com todo o material à mão...”; “começa a riscar a tela...”; “você vai usar aquelas misturas...” etc.;
- b) verbos de procedimento no modo imperativo ou em situação similar: “você tem sempre que ( ) você tem sempre que está com todo o material à mão...”; “não deixa ela secar ao sol...”

A análise dos dados demonstrou que a seqüência injuntiva não propicia, normalmente, o nexos conclusivo. Todavia, é interessante observar que, nesse exemplo, das três ocorrências

de *então*, uma delas, a terceira, apresenta características de nexos conclusivos no nível *modus*. Uma análise criteriosa mostrará que, de fato, neste caso, temos uma seqüência argumentativa, que começa a se delinear, de forma imbricada com a injuntiva, no meio do texto, como se observa a seguir:

injunção/argumentação: *sempre de cima pra baixo que é pra poder... delinear todas a/ todas as sombras... (...) sempre que você começa de cima pra baixo... todo o cui/ você tiver... de sombra... ou de... cobertura... você vai sempre prever quando você está... riscando de cima pra baixo... (...) sempre também pintando de cima pra baixo... que é pra se... cair alguma coisa na tua tela... embaixo... você não mancha... você não perde o teu desenho... (...)*

conclusão: **então...** *você não tem muito problema quando você pinta de cima pra baixo... você evita esses problemas...*

Mais uma vez confirmamos que uma seqüência tipológica “pura” não é uma ocorrência necessária ou obrigatória.

Para encerrarmos esta análise de dados, é importante frisar que, de acordo com os totais achados na Tabela 1, todas as 39 ocorrências de *então* expressando eventos da realidade externa (*dictum*) manifestaram-se na seqüência tipológica narrativa, mesmo quando o texto de base não era narrativo, conforme o exemplo (13). Por sua vez, todas as 46 ocorrências de *então* em eventos lingüísticos (*modus*) apareceram associadas à seqüência tipológica argumentativa, ainda que o texto de base não fosse argumentativo, conforme os exemplos (15) e (16).

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme exposto na introdução, este estudo, de base funcionalista, buscou verificar em quais seqüências tipológicas o *então* comporta-se como um nexo conclusivo em nível de *dictum* e em nível de *modus*. Para tal, procedeu-se a uma análise do conector em estudo em relações factuais e em relações argumentativas paralelamente às seqüências tipológicas.

Como resultado da análise, observamos que, em virtude de construções lingüísticas em nível de *dictum* serem representativas de fatos da realidade externa, quando o nexo conclusivo *então* manifestou-se nesse nível, esteve diretamente associado à seqüência narrativa. Isso se explica por uma característica fundamental dessa seqüência tipológica, que é apresentar uma sucessão de fatos, reais ou imaginários, numa ordenação temporal. Assim, em todos os

exemplos em que se encontrou o *então* em nível de *dictum*, constatamos que a distribuição das palavras na oração correspondia à seqüência cronológica das ações.

Por outro lado, em virtude de as construções lingüísticas em nível de *modus* apresentarem uma relação menos icônica, em que a atitude do falante se faz presente, isto é, a conclusão é uma inferência por parte do falante, o *então*, quando se apresentou como nexos conclusivos nesse nível, esteve diretamente relacionado à seqüência argumentativa. Podemos explicar esse fenômeno, com base nos traços lingüísticos dessa seqüência tipológica, em especial aquele que revela o seu objetivo de apresentar e justificar hipóteses, estabelecendo relações lógicas entre os argumentos. Portanto, em todos os exemplos em que se encontrou o *então* em nível de *modus*, constatamos que havia a expressão do ponto de vista do informante, em que a argumentação conduzia diretamente a uma conclusão.

Um outro aspecto que se evidenciou na análise é que o fato de *dictum* estar para seqüência narrativa e *modus* para seqüência argumentativa não quer dizer que o texto de base tenha obrigatoriamente de ser totalmente narrativo ou argumentativo, respectivamente. Podem ocorrer transições, por exemplo, de uma seqüência narrativa para uma seqüência argumentativa e vice-versa.

Verificou-se também que o nexos conclusivos *então* pode aparecer em construções em que os níveis *dictum* e *modus* encontram-se imbricados, mas estes casos não foram relacionados a uma seqüência tipológica específica nesta pesquisa, por entendermos que tal análise requer um estudo mais aprofundado sobre a manifestação do *então* em ambos os níveis, bem como sobre seqüências tipológicas.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª. ed., Rio de Janeiro: Lucerna, 2000.

FURTADO DA CUNHA, Maria A.; COSTA, Marco A. & CEZARIO, Maria M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, Maria A.; OLIVEIRA, Mariangela R.de & MARTELOTTA, Mário E. (orgs.) *Lingüística Funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ILARI, Rodolfo. Um roteiro funcional para o estudo das conjunções. Projeto “Gramática do Português Falado “ Grupo “Gramática 1” (Classes de Palavras), 1996. (Mimeo.)

MARCUSCHI, Luiz A. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela P., MACHADO, Anna R. & BEZERRA, Maria A. (orgs.) *Gêneros Textuais e Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARTELOTTA, Mário E. Gramaticalização do *então*. In: MARTELOTTA, Mário E. et alii (orgs.) *Gramaticalização no Português do Brasil – uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

\_\_\_\_\_ A mudança lingüística. In: FURTADO DA CUNHA, Maria A.; OLIVEIRA, Mariângela R.de & MARTELOTTA, Mário E. (orgs.) *Lingüística Funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

NEVES, Maria Helena de M. *A Gramática Funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_ *A Gramática: história, teoria e análise*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

PEZATTI, Erotilde G. O advérbio *então* já se gramaticalizou como conjunção? *Revista D.E.L.T.A.*, 17(1):81-95, 2001.

\_\_\_\_\_ As construções conclusivas no português falado. In: ABAURRE, Maria Bernadete M. & RODRIGUES, Ângela C. S. (orgs.) *Gramática do Português Falado*. Vol. VIII. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

RISSO, Mercedes S. O articulador discursivo “então”. In: CASTILHO, Ataliba T. & BASÍLIO, Margarida (orgs.) *Gramática do Português Falado*. Vol. IV. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

TRAVAGLIA, Luiz C. Tipologia textual e a coesão/coerência no texto oral: transições tipológicas. In: CASTILHO, Ataliba T. & BASÍLIO, Margarida (orgs.) *Gramática do Português Falado*. Vol. IV. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.